

Construindo uma cultura de paz.

“Ora, o Senhor da paz, ele mesmo, vos dê continuamente a paz em todas as circunstâncias. O Senhor seja com todos vós”. (II Tess 3.16).

Este é um dos versos mais bonitos de toda a Escritura. Temos aqui uma das declarações mais impressionantes acerca da paz. Sabedor de que o homem é um ser em conflito consigo mesmo, como o outro e principalmente com Deus, Paulo expressa que a paz que a Escritura apresenta é diferente da paz do qual o mundo pode oferecer.

Esta paz que Paulo discorre em sua carta aos irmãos de Tessalônica, possui pelo menos três características: (a) Ela tem sua origem em Deus - A paz genuína é originada no próprio Deus, e não é fruto de psicotrópicos, de dinheiro ou de qualquer outra coisa. (b) A paz que Deus oferece é permanente – “vos de continuamente”. A certeza inabalável de que Deus é presente em nossa vida nos dá a segurança eficaz de que sua paz nos consolará durante toda a nossa vida. (c) A paz que Deus dá não está sujeita as circunstâncias - A paz que o Senhor nos oferece é plena e, portanto, não se sujeita a situações cotidianas.

No contexto social brasileiro, a sensação de insegurança é grande. O Estado não é capaz de garantir segurança para os cidadãos. Além disso, a impunidade também é grande. Assassinos confessos estão em liberdade. Políticos corruptos estão no exercício do poder. O resultado é pavor e medo. Temos a nítida sensação de que a qualquer hora ou momento seremos assaltados, ou seremos atingidos por uma bala perdida. Por isso que necessitamos construir uma cultura de paz. De que forma podemos construir esta cultura? Quero dar aqui algumas sugestões.

Em primeiro lugar, precisamos nos esforçar para conter o ímpeto de nossa língua (Provérbios 18.21). “A morte e a vida estão no poder da língua”. As palavras podem ser usadas para levantar o outro ou, para gerar morte. Palavras machucam. O coração de qualquer pessoa pode facilmente ser machucado por palavras agressivas. Quantos casamentos estão abalados por conta de palavras ofensivas ditas pelos cônjuges. Quantos relacionamentos de amizades chegaram ao fim justamente pelas palavras ferinas que foram pronunciadas em momentos delicados. Quantas famílias estão destroçadas por conta das palavras duras que são ditas quando os membros da família estão de cabeça quente. Tiago ensina que podemos ter um alto conhecimento bíblico e teológico, se não conseguirmos conter o ímpeto de nossa língua, a nossa religião não tem significado (Tiago 1.26).

Em segundo lugar, viva em paz com todos (Hebreus 12.14). A verdade que está clara neste texto é que se não vivermos em paz com os outros e não buscarmos uma vida de proximidade com

Deus, as pessoas que estão em nossa volta não poderão enxergar a Deus em nossa vida. Em outras palavras – nossos relacionamentos servem de testemunho eficaz para aqueles que não conhecem a Cristo. Quem vive em paz com os outros não planeja e nem deseja o fracasso de seus semelhantes. Quem vive em paz não se torna um poço de amargura e lamentações.

Em último lugar, não negue a possibilidade de perdão ao próximo. A graça que nos perdoou é a mesma graça que nos leva a perdoar os outros. C. S. Lewis diz: “Ser cristão é perdoar o indesculpável, porque Deus perdoou o indesculpável em você”. Quando perdoamos, iniciamos um processo de cura e reconciliação. O perdão não nos faz esquecer, mas irá tirar o peso daquilo que ocorreu e, nos permitirá ir em frente. O perdão abre a possibilidade de um novo caminho. Muitas pessoas são capazes de viver em paz com aqueles que lhe tratam com amor, mas são incapazes de perdoar aqueles que lhe prejudicam. Por isso o perdão é tão importante. O que nós ganhamos com o perdão? O pastor e escritor Ed. René Kivitz traz uma resposta brilhante: “Eu fico com o dano, mas eu não quero perder você”. Com o perdão ganhamos o outro e desta forma não estaremos em guerra com ele. Assim construiremos uma cultura de paz.

Fraternalmente em Cristo
Pr. José Manuel Monteiro Jr.

